

*O inconsciente em jogo: A busca de um sentido na análise**

IGNÁCIO GERBER **

Há algo, um todo indiferenciado, nascido antes do Céu e da Terra. Não tem forma concreta, só imagens abstratas. É profundo, escuro, silencioso, indefinido; não ouvimos sua voz.

Sua ação é infinita... sua imagem mal preenche nossa palma.

WEN-TSU - Compreendendo os Mistérios.

1. AS PARTES DO INDIVISÍVEL

Matte-Blanco propõe o homem e seu mundo como constituídos por dois modos de ser antinômicos: o modo de ser assimétrico e o modo de ser simétrico.

O modo assimétrico atem-se à lógica clássica, aristotélica, predominante na nossa lógica usual consciente, ou naquilo que podemos apreender através dela. Ele está solidamente ancorado no espaço-tempo, ou seja, na tetra-dimensionalidade (três dimensões espaciais e uma temporal) que determina nossos limites de apreensão imaginária, de visualização de eventos. Isto determina uma relação metafórica entre espaço externo e espaço interno: pensamos em função dessa tri-dimensionalidade espacial que podemos visualizar imaginativamente. Também ordenamos temporalmente os pensamentos num fluxo narrativo onde os acontecimentos obedecem a uma sequência linear.

O mundo assimétrico é analítico, dividido em partes que se relacionam segundo uma lógica conhecida.

Já o modo de ser simétrico refere-se a uma outra lógica, onde não vigora o princípio de contradição e como consequência não há ordenação de tempo ou

espaço nem relação entre partes distintas.

O mundo simétrico é sintético: nele estamos imersos na totalidade indivisível, desconhecida, além do nosso pensar habitual. Matte-Blanco sugere a possibilidade do inconsciente simétrico ser fruto de uma lógica multi-dimensional que escapa dos nossos limites tri-dimensionais.

A lógica explicaria esse modo de ser simétrico é regida por dois princípios: o princípio de simetria e o princípio da generalização.

Pelo princípio de simetria o sistema inconsciente trata o inverso de qualquer relação como idêntico à relação. Assim, se João é pai de Pedro e Pedro filho de João, para esta lógica João é também filho de Pedro, Pedro é pai de João e todas as relações possíveis são válidas sem contradição. Da mesma maneira se o evento A antecede o evento B, também B antecede A, excluindo-se assim sequências temporais.

O princípio de generalização, que a rigor está contido no princípio de simetria, é assim formulado por Matte-Blanco:

** Psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

* Trabalho apresentado na SBPSP, em 26-08-1993.

26 ago 1993

1993 08 26

O sistema inconsciente trata a coisa individual (pessoa, objeto, conceito) como se fora um membro ou elemento de um conjunto ou classe que contém outros membros; trata essa classe como sub-classe de uma classe mais geral e esta como sub-classe de outra ainda mais geral e assim por diante.

Na procura de classes cada vez mais amplas o sistema Inconsciente dá preferência a funções proposicionais que por um lado representam generalidade crescente e por outro preservam a individualidade da coisa de origem.

(The Unconscious as Infinite Sets - U.I.S. - pg. 38)

Função proposital é a característica que identifica uma classe ou conjunto e determina a equivalência de seus elementos. Como veremos mais adiante, pelo princípio de generalização - a parte é igual ao todo vice-versa. Assim, uma mulher pode ser pensada emocionalmente - e é na direção das emoções que esta lógica aponta - como a totalidade das mulheres, a "mulhericidade", a feminilidade, a maternidade e inversamente, essas qualidades de intensidade infinita podem ser individualizadas numa única mulher.

Acredito que pensar deslocamento e condensação em termos de classes pode facilitar sua apreensão. Assim, no caso do pequeno Hans, o cavalo não seria apenas um deslocamento do pai, mas ambos estão inseridos na mesma classe de seres grandes, temidos, amados e perigosos e sua equivalência nesses conjuntos contextuais torna-se identidade.

O modo simétrico regido pelos princípios de simetria e generalização, não é perceptível diretamente ao nosso consciente pois é radicalmente irredutível ao pensar deste. Assim sendo, a simetria é analítica à assimetria, revelando-se nos seus atos falhos, sonhos, sintomas, silêncios.

Os modos de ser simétrico e assimétrico e suas respectivas lógicas não existem isoladamente, em estado puro. Assim, Consciente e Inconsciente não coincidem com assimetria e simetria, mas são constituídos por diferentes proporções desses modos de ser formando uma bi-lógica, uma bi-modalidade. O consciente com predominância de assimetria e o inconsciente com predominância de simetria. Assim, lógicas irreconciliáveis vão constituir o sistema

consciente-inconsciente como um contínuo inseparável, o que justificaria a asserção de que "o inconsciente não existe".

Vemos assim que Matte-Blanco investiga uma lógica que possa dar conta da criação genial de Freud: um outro modo de ser intuído a partir das características do processo inconsciente postulados na "Interpretação dos Sonhos".

Ausência de Contradição

Deslocamento

Condensação

Ausência de temporalidade

Substituição da realidade externa pela psíquica

O problema não é novo. Ao longo de toda a história do pensamento esta antinomia de modos de ser sempre esteve presente sob as mais diversas oposições de nomes: divisível-indivisível, descontínuo-contínuo, técnico-artístico, profano-sagrado, racional-emocional, limitado-ilimitado, conhecido-desconhecido, finito-infinito.

Cada par citado tem sentidos específicos em contextos particulares mas todos eles podem revelar equivalências como elementos de classes mais amplas sempre antinômicas.

No limite - ainda anterior à totalização numa classe única - teríamos a oposição entre a classe daquilo que controlamos e a classe daquilo cujo controle nos escapa.

O infinito é o ponto de encontro da ciência e da arte.

(U.I.S. - pg 392)

O inconsciente como conjuntos infinitos, nome do primeiro livro de Matte-Blanco, exprime sua tentativa de abarcar o infinito inapreensível por uma aproximação matemática: os conjuntos infinitos.

Voltemos no tempo para retomar alguns momentos pontuais do processo histórico ininterrupto em que as postulações criadoras acerca das transgressões ao senso comum se fizeram significativamente, através de *paradoxos* - aquilo que foge ao controle de nossa lógica habitual, na busca do infinito. Como disse Pascal:

Esses espaços infinitos que me assombam.

Zeon de Eleia propõe o paradoxo da flexa. Trata ele da divisibilidade do movimento contínuo da flexa pelo arco em momentos puntiformes de não-movimento. Algo como o congelamento de imagens quadro a quadro de uma sequência cinematográfica. A redução paradoxal do cinético ao estático. Uma tentativa de captar o contínuo ou o infinito como um número “infinitamente” grande de elementos pontuais - uma linha imaginada como um número infinito de pontos.

Milênios após Galileu assim propõe seu paradoxo dos quadrados: se colocarmos lado a lado a série dos números inteiros, 1, 2, 3, 4, ... e a série dos quadrados dos números inteiros que constituem inegavelmente uma parcela menor, uma parte própria do conjunto de números inteiros, teremos:

1	1
2	4
3	9
4	16
.	.
.	.
.	.

Ora a cada número inteiro da primeira série corresponderá sempre, numa relação bi-unívoca, um outro número da série dos quadrados. Portanto a série dos quadrados tem, simultaneamente, o mesmo número de elementos (mesma cardinalidade) e apenas uma parte dos elementos da série de números inteiros. Isto aponta para o infinito.

Pouco após a morte de Galileu, Spinoza, em sua carta dirigida ao seu interlocutor Lodewijk Meijer, conhecida como “Carta sobre o infinito”, recoloca a questão:

A questão do infinito sempre pareceu difícil para todos, até mesmo inextricável porque não distinguiram entre aquilo que é infinito por sua natureza, ou pela força de sua definição, e aquilo que não tem fim, não pela força de sua essência, mas pela sua causa. E também porque não distinguiram entre aquilo que é dito infinito porque não tem fim e aquilo cujas partes, embora conheçamos o máximo e o mínimo, não podem ser explicadas ou representadas apenas por um número. Enfim, porque não distinguiram entre aquilo

que só pode ser inteligido, mas não imaginado e aquilo que também podemos imaginar. Se tivessem prestado atenção nisso, jamais teriam sido esmagados ao peso de tantas dificuldades. Com efeito, teriam claramente compreendido qual infinito não se divide em partes (ou que não tem partes) e qual, ao contrário, pode ser dividido em partes sem contradição. Também teriam compreendido qual infinito pode ser concebido como maior do que outro sem qualquer contradição, e qual não pode ser concebido assim.”

É dentro dessa tradição de perplexidade que se inserem Freud e tantos outros (e um pouco de todos nós). Paradoxal tradição daqueles que rompem com o que estabelece o senso comum (o *establishment*) e ousam admitir o desconhecido. Os místicos, como bem denominou-os e assumiu-se o aparentemente racionalista Bion das *Cogitations*.

A revelação genial de Freud com a declaração do inconsciente é sincrônica à revolução da matemática moderna que tem como precursora a obra póstuma de Bolzano “*Os paradoxos do infinito*” (1851). Ela vai passar pelos “*Conjuntos infinitos*” de Cantor, pelas “*Investigações Lógicas*” de Frege, pela “*Estrutura lógica do mundo*” de Carnap, por Russel e chegar aos contemporâneos por outras tantas vias.

Vale notar que os desenvolvimentos de Freud e dos matemáticos se fizeram independentes, não havendo registro de conhecerem o trabalho do outro.

Na sua aproximação particular ao infinito, Matte-Blanco utiliza a definição de Dedekind para conjuntos infinitos. Ela remete a Galileu e pode ser assim formulada:

Um conjunto é definido como infinito quando e somente quando uma parte própria do mesmo tem a mesma cardinalidade que seu todo.

Na sua demonstração Dedekind contrapõe a série de números inteiros, n , a série de números pares, $2n$:

1	2
2	4
3	6
4	8
.	.
.	.
.	.

A série de números pares tem, simultaneamente, a metade e a totalidade dos elementos da série de números inteiros. Conclui-se que são séries infinitas. Ou seja, nos conjuntos infinitos a parte representa o todo e vice-versa. Pelos caminhos do infinito chegamos à metonímia, à metáfora, ao deslocamento, condensação, aos misteriosos territórios inconscientes, alheios à contradição e ao paradoxo.

O inconsciente não conhece indivíduos mas somente classes ou funções proposicionais que definem a classe.

(U.I.S. - pg 139)

A classe que para o modo simétrico de ser é um todo indivisível, para o modo assimétrico de ser é um conjunto infinito formado por elementos discretos.

(U.I.S -pg 130)

Pensando ainda em termos de classes, podemos situar o consciente e o finito na classe mais ampla do conhecido e o inconsciente e infinito na classe do desconhecido.

Uma citação de Cantor exprime posições comuns: *A essência da matemática radica na sua completa liberdade.*

Freud certamente concordaria que *A essência da psicanálise radica na sua completa liberdade.*

2. ESTILO, TENDÊNCIA IRRESISTÍVEL

Seria possível imaginar uma classe que reunisse todos esses místicos disruptores? E qual seria sua função proposicional? Um estilo? Proponho duas maneiras particulares de definir um estilo:

1. O estilo de um ser, definido como a intersecção das inumeráveis classes onde ele se insere. No meu caso, como exemplo, a sobreposição espacial de classes tão gerais ou específicas como a classe dos homens, dos brasileiros, dos caçulas, dos pais, dos psicanalistas, dos músicos, dos taoístas, dos marinheiros, etc. etc.
2. O estilo de ser definido como produto da proporção pessoal de simetria-assimetria. Talvez essa qualidade seja quase tão estruturante quanto a divisão primordial a todas as classes humanas: feminino-masculino.

Estaremos simplificando, pois cada estilo é dinâmico e mutante apesar de uma poderosa inércia, mas poderíamos falar da classe de seres voltados para o desconhecido, o infinito que lhes escapa e da classe dos seres voltados para o que já conhecem, o finito que podem controlar.

Não atribuímos nenhuma escala de mérito a esses dois estilos básicos.

Ambos se completam na aventura humana. Assim como Yin-Yang, não há melhor ou pior; é o seu equilíbrio que determina as tendências que Matte-Blanco, por exemplo, denominou *vitalis* e *não vitalis*.

Diríamos então que estilo vital é aquele cujas proporções internas permitem reconhecer e aceitar melhor a diferença, o outro estilo e somar com ele. Estilo não vital é o que se sente ameaçado pela diferença, por outro estilo; divide e tenta destruí-lo no outro e em si mesmo.

Penso que é disso que Bion nos fala em sua linguagem tão pessoal e tão calcada no pensamento (assim chamado) oriental - a busca do O.

Para cada psicanalista o estilo é produtor e produto de sua concepção, síntese pessoal, de *Inconsciente*.

Dito de outra maneira, o estilo determina a eleição das suas teorias, doutrinas, escolas. Talvez a cisão primeva entre Freud e Jung se devesse a uma diferença de estilos: diferentes proporções de simetria e assimetria na constituição do imaginário-simbólico de cada um.

Propondo ainda outra definição:

Estilo é o que se manifesta em nós 'sem esforço'.

Mas o que quero dizer com *sem esforço*? Me dou conta, nessa exato momento, que esse escrito me demanda dedicação, tempo, trabalho mas absolutamente nenhum esforço.

Krishnamurti, um dos pensadores mais radicalmente livres de e em si mesmo, nos diz em um ensaio denominado "*O esforço*":

Ser inocente é estar livre da carga da experiência. A memória é o que corrompe e não o experimentar mesmo (...) o esforço para chegar a ser destrói a inocência - e sem inocência como pode haver sabedoria?

Reunirei quatro conceitos diferentemente propostos de modo a formarem uma classe com uma função proposicional comum. Qual é essa função, não está ainda claro para mim e exatamente por isso penso que a visão conjunta dessas proposições possa talvez iluminá-las:

1. *Atenção livremente suspensa* - Freud.
2. *Sem memória, sem desejo* - Bion.
3. *Não procuro, acho* - Picasso, Lacan.
4. *Sem esforço* - Krishnamurti.

Com sua *atenção flutuante* Freud postulou uma escuta não seletiva da fala do outro, um ouvido sem pressupostos pessoais, preparado dentro dos limites possíveis de sua análise pessoal a compartilhar sem preconceitos.

Sem memória, sem desejo é praticamente textual do *Tao-Te-King* de *Lao-Tse*, respeitados os problemas de transcrição do chinês ideogramático. É um conceito fundamental em Bion e sua inserção na classe acima talvez nos ajude a compreendê-lo. Não esqueçamos jamais que Bion nasceu e viveu seus primeiros oito anos na Índia, criado e impregnado nessa cultura por sua aia hindu.

Não procuro, acho. Pensada como elemento da classe acima essa frase perde qualquer possível conotação de arrogância. Bem ao contrário, ela é uma confissão humilde de quem se deixa encontrar pelos eventos; ainda que partindo de Picasso ou retomada por Lacan. O que nós acharmos não será certamente o mesmo que eles, mas será uma criação nossa, um produto, desapegado, de nosso estilo.

É também um paradoxo esse estilo, que só reconhecemos ao dele nos desapegarmos.

Sobre o *sem esforço* já citamos Krishnamurti e podemos agora até resignificá-lo.

Isso tudo me leva a algumas questões referentes à nossa prática.

Quando Bion fala em *paciência* penso que isso nada tem a ver com o controle disciplinado da impaciência. Imagino um outro estado de ser, exercido sem qualquer esforço, propiciado por *um ato de fé* ainda na acepção provável de Bion.

É comum atribuir-se em nosso meio um mérito especial à capacidade do analista de tolerar o silêncio do analisando e o seu próprio. Penso que, olhando para o analista, essa convivência com o silêncio só ganha sentido se for consumada sem esforço. Se ela cobrar algum esforço - nosso próprio sintoma - estaremos ensurdecidos por um ruído estrondosamente mudo, o qual sugiro seja rompido. São nuances sutis no trato da nossa (contra)-transferência.

Lembro-me de uma "master-class" de Antonio Carlos Menezes, excepcional cellista. A toda uma sucessão de talentosos instrumentistas alguns consumados solistas outros ainda principiantes procurou ele transmitir, acompanhando a movimentação gestual, o princípio fundamental de tocar sem esforço. Nada falou sobre questões técnicas ou interpretativas mas o efeito musical na execução dos participantes foi imediatamente audível.

Outra questão: Será viável para um analista assumir a *sem memória, sem desejo*, a não seletividade da atenção flutuante, o desapego de compreender (controlar?) apenas dentro do consultório, limitá-lo a uma disciplina no *setting* sem que essa atitude já tenha se originado e permeado antes toda uma postura de desapego no mundo? Desapego de compreender, de curar, de favores e desfavores?

CONSTRUÇÃO COMPARTILHADA

Meu estilo é uma tendência *irresistível* que se manifesta na sessão e me surpreende. Uma maneira de ver coisas que cria aquilo que eu vejo e determina minhas respostas. Tudo em constante mutação.

A *construção compartilhada* é certamente uma consequência atual de meu estilo. Não é uma nova proposta mas, como tantas outras, tenta recuperar propostas originais de Freud emprestando-lhes uma ênfase particular. Falarei de alguns aspectos onde essa ênfase pessoal se revela na minha prática:

Ouçoo muito antes de falar. Quando ouço pareço perceber relações na fala do analisando. Ele me conta várias situações diferentes: sonhos, acontecimentos, projetos, devaneios etc., e estruturas comuns vão se desvelando. Podemos pensá-las como metáforas:

A compreensão de metáforas impõe implicitamente a extração de relações gerais a partir de um exemplo particular e a sub-seqüente realização de que essas mesmas relações gerais se aplicam a outros casos particulares."

(U.I.S. - pg.405)

Em certas ocasiões, mais raras, essas relações parecem se completar num sentido totalizante possível de ser transmitido ao analisando em forma narrativa direta e objetiva.

Outras vezes, elas me sugerem uma parábola, uma história metafórica que capte e retransmita um sentido mais aberto.

Sem metáforas a possibilidade de expressão de fenômenos psíquicos praticamente desaparece.

(U.I.S. - pg.405)

Outras vezes ainda, estruturas são captadas sem completar-se num sentido mais claro. Posso então dividir com o outro esta apreensão, mesmo incompleta, das criações sempre emocionais de sua fala, e esperar pela elaboração dele. Vamos assim trocando informações e construindo juntos um sentido que nos envolve.

Dividindo com ele os dados estético-expressivos de sua fala espero que seu "inconsciente" faça sua parte. Vou acompanhando o momento, tantas vezes sem entender. Talvez venhamos a entender depois. Faço intervenções não conclusivas, não intencionalmente interpretativas, embora sabendo que não temos controle amplo sobre o poder mutativo daquilo que falamos.

As colocações de Isaías Melsohn, Matte-Blanco, Bion, entre outras, parecem aguçar minha intuição na captação e organização dos dados dessa trama expressiva, matemático-evocativa, multi-lógica.

A familiaridade com certa lógica matemática e musical também contribui para essa captação intuitiva, estético-emocional. São elementos de uma mesma matriz. Não se trata de ficar "ligado" caçando relações mas deixar-se encontrar por elas. Como dito acima, *não procuro, acho*. Disse Fernando Pessoa: *Descobrir a América, que disparate! Terras não se descobrem, se encontram*.

As informações podem chegar ao analisando na forma

explícita de uma fala ou de forma tácita pelo proceder. Quando possível procuro refazer para ele e para mim o caminho que percorri da sua fala à minha interpretação ou ao ponto a que cheguei. O analisando participa desse jogo do inconsciente, muito seriamente lúdico, num conluio cujo objetivo não é a ocultação, embora esse risco esteja sempre presente, já que a resistência não capitula tão facilmente.

Ganho aos poucos certa convicção de que esta construção compartilhada tem o sentido de uma *demolição consentida*. Apontar um suporte estrutural da fala é descentrar o sentido, abrir outras alternativas. Uma radical ruptura de campo, na feliz expressão de Fábio Hermann.

A ruptura é necessária, mas a participação do outro é vital, dá vida ao processo. É preciso observar a dinâmica do compartilhar e do romper. Num contexto matizado pela construção surgem os momentos do *Koan*. O Koan, a resposta ou não-resposta surpreende e cortante do mestre Zen da tradição taoísta é um precursor da interpretação psicanalítica, uma ruptura de campo.

O humor assume papel importante nessa conciliação do juntar e separar. Piadas são parábolas que reconstróem sentidos, funções proposicionais de classe na fala do analisando ou então, como o Koan, demolem essas funções, se abrindo para classes antes impensáveis. Veja-se a clássica tradição judaica de humor auto-interpretativo.

4. "SEJA UM HOMEM" - UMA SEQUÊNCIA CLÍNICA

Matte-Blanco descreve a emoção como sendo constituída de *dois diferentes conjuntos de fenômenos: sentir a sensação (sensation feeling) e pensar (thinking)*. Isto é, um primeiro momento fugaz de se fundir com a sensação (ser com o objeto) seguido imediatamente pelo estabelecimento de relações num pensar ainda carregado de simetria que é específico da emoção. *"Um trajeto que vai do desconhecido ao lugar comum"*.

A emoção é a mãe do pensar.

(U.I.S. - pg.303)

Coloca-se então a questão: Será que apontando-se para o suporte estrutural da emoção não se surpreenderá a própria matriz emocional?

Traçar o caminho inverso, partindo do estabelecimento de relações piores de assimetria em direção à emoção “puramente simétrica”. *Do di(vi)sível para o indi(vi)sível.*

Tentarei ilustrar alguns dos pontos abordados através de uma sequência clínica. Estando o caso em andamento as resignificações são diárias e por isso empresto a todas as minhas observações um caráter transitório, estando abertas para amplas reformulações.

Pela mesma razão, permiti-me, em prol do sigilo, a omissões e substituições incorrendo no risco de uma quebra de ritmo do texto mas esperando que as distorções resultantes não sejam tão significativas.

O Momento das Sessões

G. homem de 40 anos, após inumeráveis namoros rompidos, namora agora uma mulher que muito o atrai e diz que pela primeira vez pensa em casamento, ter filhos, mas ainda tem muitas dúvidas. Tem-se preocupado com a possibilidade da namorada engravidar.

Sua cunhada está grávida, ou seja, seu irmão pouco mais moço está em vias de tornar-se pai do primeiro neto dos seus pais.

Sessão 1

Conta-me dois sonhos:

No primeiro sonho está numa casa assombrada com uma ex-namorada. Ela diz que não tem medo. De frente-se com um espectro e reconhece nele um colega mais novo que trabalhou sob sua supervisão, com o qual mantinha boas relações. Lembra que os outros colegas se referiam a este como seu irmão mais novo.

No segundo sonho

ele guia um automóvel subindo uma ladeira em cujo piso estão espalhados cacos de vidro. Ele manobra com atenção para desviar deles.

Comenta o sonho: Parece-lhe que era a ladeira ao lado

do cemitério do Araçá e aí lembra que ele mesmo mora junto de uma ladeira, próximo à casa de seu irmão. Apesar da proximidade não vê seu irmão há tempo e se pergunta se isto tem a ver com a gravidez de sua cunhada. Diz que seu irmão está gordo e a partir de certa idade tornou-se mais corpulento que ele e refere-se a si mesmo como franzino.

Especula um tempo sobre o que quer dizer o sonho da ladeira do cemitério do Araçá, subitamente se corrige: “não, naquele trecho da ladeira o cemitério não é o Araçá mas sim o Cemitério da irmandade, e me explica que aquela área pertence a uma irmandade religiosa e daí o nome.”

Chamo sua atenção, repetindo com certa ênfase o nome que ele trouxe: “*cemitério da irmandade*”. Se surpreende e relaciona imediatamente com seu irmão, o espectro, a ladeira perigosa e outros detalhes.

A partir disso tramamos em conjunto uma interpretação possível que passa por aspectos tais como:

Cemitério da Irmandade, lugar onde se enterra a irmandade, agora pensada como uma relação de irmãos. Com ela seus fatores constitutivos entre os quais competição, precedência, inversão de posições, primogenitura, morte.

A morte nos dois sonhos talvez se referisse à morte dessa irmandade compreendida por ele como um modelo pre-determinado de relação ou poderíamos dizer, usando as sugestões de Matte-Blanco, de uma classe de relações definida por certas funções proposicionais do imaginário de G. Um modelo de relação que muda e com isso se extingue. As mudanças com seus ganhos e perdas são sinalizadas por ritos de passagem do tempo: casamento, paternidade etc.

Sessão 2 - um mês depois

Deita e conta-me um sonho que teve nessa noite:

“Andava pela rua e encontrei o Elder, colega de faculdade que em certa época abandonou a medicina por um rendoso cargo público. Pareceu-me que havia livros de medicina no banco do carro do Elder.

Depois entrei num banheiro imaculadamente branco e vazio. Não havia sinais que identificassem se era

masculino ou feminino; então entrei num cubículo para fazer xixi. Aí entrou no banheiro o Ederaldo um médico conhecido, mais experiente ele dirigiu-se a uma bacia na parede e urinou lá. Pensei então que o banheiro devia ser masculino."

A seguir está num prédio antigo e sólido nas proximidades do centro velho de São Paulo.

"Estava numa sala de consulta mas era estranho porque era uma consulta coletiva, talvez uma enfermaria de hospital. O meu chefe, o R. estava lá com outros colegas. A sala tinha lustres antigos com quebra-luzes e longos fios pendurados do teto. Metade deles estava acesa e metade apagada. Aí aparece o L. que é irmão de uma namorada que eu tive faz tempo. Ela está trabalhando num projeto de renovação de uma área do centro. Esse L. tem problemas de visão; são seqüelas de uma doença que teve em criança, mas agora ele casou e leva a vida. Pois é bem esse L. que é encarregado do conserto das luzes. Ele pede 100 dólares. Achei absurdo mas o R. sugeriu dividirmos a despesa e todos concordaram".

Associa com um conto de Alcântara Machado onde um cego comanda um protesto de passageiros pedindo o conserto das luzes apagadas num vagão de trem. Lembra ainda um outro colega, galã com as meninas, que perdeu um pé num acidente de trânsito. Lembra que ele tinha cabelos prematuramente brancos e que colocou uma prótese tornando-se depois dele mesmo, especialista em próteses ortopédicas.

Fala então sobre a possibilidade de se casar: "Eu mesmo ainda não acredito. Fico pensando no aumento dos meus gastos e como vou me organizar; talvez eu tivesse que interromper a análise."

A seguir, conta um outro sonho:

M. um colega mais velho está transando com A., uma bonita estagiária que ele vem curtindo. Parece brincar de médico e usavam um produto chamado "nojol".

Relaciona com Nujol um lubrificante mineral antigo e associa com nojo na acepção de luto. Descreve M. como pequeno, bonito, cabelos brancos, e conta que ganhou dele na disputa por uma promoção. Comenta que sente prazer com seus primeiros fios brancos. Lembra agora que A. terminou seu estágio na véspera

e se despediu dele sem maiores efusões. De noite teve fantasias eróticas com ela.

Prossegue associando: "Ontem teve uma reunião no hospital. Os médicos mais jovens reivindicavam redução de plantões mas deixei claro que não vou abrir mão de minhas prerrogativas de mais antigo que me dispensam de plantões." Recorda os tempos de faculdade como um período ruim. Não se orgulha dela, ao contrário de seus colegas.

Recebeu recentemente referências elogiosas do seu chefe. Sente-se mais reconhecido. Recebeu também convite para trabalhar numa boa posição no hospital A. Einstein.

(Quando me conta isso me lembro que na sessão da véspera me contava que não fora reconhecido por um funcionário da portaria do Sírío, mas ao me contar falou "portaria do Einstein" e depois se corrigiu. Nessa mesma sessão falou-me de seu encontro com um velho médico arrogante e orgulhoso de seu nome tradicional; esse médico não teria reconhecido o nome, também tradicional, de G. Ao fim dessa sessão eu assinalei a relação entre nossas posições analista-analisando, meu nome judeu imigrante e o seu nome tradicional, as posições e o preconceito).

Assinalo então que vários momentos dos sonhos sinalizam para a passagem do tempo, as marcas do passado, a renovação. O que (ou quem) vem antes e o que (ou quem) vem depois.

Ele concorda mas diz que não tinha pensado nisso mas sim na questão do seu reconhecimento.

Aceito esse outro eixo e sugiro pensarmos ambos os temas como um *reconhecimento*, um conhecimento revisto. Um conhecimento que se altera pelo próprio reconhecimento da passagem do tempo.

A construção compartilhada dessa interpretação possível nos leva a desdobramentos como o desapego a títulos pessoais representados pelo nome tradicional, títulos nobiliárquicos, faculdade nobre. A perda de posições estabelecidas e defendidas (Bezetungen, diria Freud) sentidas como perdas de status. Entre elas o status de analisando ("neurótico"?) ameaçado pela possibilidade de se igualar a mim ou me ultrapassar invertendo as posições - ele tornar-se o analista. Veja-

se o cego que proporciona a visão, o manco que proporciona o andar, talvez eu mesmo. A incorporação do trabalho analítico com a passagem do tempo: o anseio e o temor pelo fim da análise.

Esse analisando oferece uma enorme gama de possibilidades interpretativas, algumas mais gerais, outras mais específicas. Tenho dado preferência a eixos mais amplos, mais desligados de teorias específicas, cabendo neles diversos desdobramentos, sínteses teóricas posteriores. Assim, a passagem do tempo ou o tempo como referência aparecem em Elder, mais velho em inglês, tantas vezes associado a elder brother, irmão mais velho. Daí para Ederaldo o médico mais experiente que urina no lugar dos homens enquanto ele usa o das crianças que ainda não alcançam o outro, e que é também o lugar onde urinam as mulheres, o cubículo.

O tempo insiste nos ambientes envelhecidos, na renovação, as sequelas infantis, sua superação, a apropriação dos traumas, o casamento e os filhos como ritos de passagem. Brincar de médico, brincar de papai-mamãe etc. etc.

O outro amplo eixo do reconhecimento é retomado por ele da sessão anterior cujos efeitos permanecem atuantes nele (e em mim), ligando-se à imagem pessoal, os títulos conforme reconhecidos pelo Outro ao longo de várias vivências particulares. Títulos de Nobreza, de conhecimento, de primogenitura, de dependência. Poderíamos resumi-los como *preconceitos de classe*.

Se repensarmos estes eixos com auxílio do conceito matemático de classes ou conjuntos fica mais fácil imaginar G. identificando-se com a classe dos mais velhos ou a classe dos mais novos, a classe dos opressores ou dos oprimidos, a classe dos que dão e a classe dos que recebem, a classe dos que tem e a classe dos que não tem.

Cada uma dessas classes com função proposicional específica e limitada vai se fundindo com outras formando classes maiores até chegar a duas classes abrangentes: a classe dos que são e a classe dos que não são! Transcender uma classe por outra implica para ele uma mudança total do seu ser.

A imersão do analista em um vértice teórico certamente o fará encontrar nos *atos* relatados pelo analisando as

provas desejadas de sua teoria. Mormente quando ele estiver num momento criativo de construção de uma nova teoria pessoal maiores são os riscos de ser apanhado na rede da própria investigação - no próprio desejo. Como exemplo imaginário podemos fantasiar como as referências, nos sonhos desse analisando, às sequelas nos pés e nos olhos não seriam ouvidas pelo primeiro Freud fascinado por Édipo.

Outros passos e outros olhares poderão conduzir por diferentes caminhos a um sentido comum.

Sessão 3 - uma semana depois

Começa falando de maneira fragmentária, diferentemente de sua fala habitual bastante organizada. Se confessa meio confuso e pensando em "coisas que já passaram" e se "vale a pena voltar a coisas de trás." O que ele diz me faz pensar nas últimas sessões.

Decide-se: "Então vou contar um sonho."

"Eu estava sentado num sofá junto com uma moça - talvez fosse o sofá da minha casa. Aí chegou um homem e ele não deixou que eu deitasse com a moça no sofá. Ele era forte e parece que tinha um revólver... O homem se sentou no chão com os pés no sofá de um jeito que eu mesmo faço na minha ginástica", seria eu mesmo?"

Prossegue após um pequeno silêncio: "Ontem fiquei com muita raiva. Eu pedira a meu pai para pagar uma conta no clube, do mês passado, e ele resolveu, por conta dele, pagar também a do mês que vem. Acontece que eu já havia pago esta conta e quando falei com o funcionário sobre a devolução ele criou os maiores problemas e isto vai me dar trabalho."

Associa com episódio da adolescência em que guiava sozinho pela primeira vez e deu uma pequena batida no carro de um senhor mais velho. Combinou com este um acerto a ser feito em sua casa mas o tal senhor chegou antes dele e o pai antecipou-se e fez o acerto.

"Fiquei muito bravo com meu pai, mas a verdade é que eu tive culpa da batida."

Continua falando do clube que freqüentava na adolescência, do seu medo de uma turma de rapazes violentos e prepotentes, brucutus. Volta a reclamar do

funcionário por obrigá-lo a submeter-se a ir ao clube para fazer o acerto.

Lembra ainda uma visita recente à casa dos pais; ele quis dar uma olhada num livro que presenteara ao pai e descobre que o pai o dera a um amigo idoso que estava doente.

“Na hora fiquei com raiva e decepcionado mas acho justo que ele tenha dado o livro para o amigo.”

Observa que sentiu um clima de briga entre os pais, pensa na possibilidade da separação deles mas descarta pois acha que sua mãe não conseguiria administrar sua vida sozinha.

Lembra então sua infância e se descreve como “uma criança má que estava sempre atormentando os pais”.

Intervenho então assinalando essas relações de agressor-agredido, opressor-oprimido e como ele reafirma, na sessão, sua culpa inicial nos incidentes que decorrem, preservando seu pai.

Responde num tom emocionado: “Puxa, me voltou forte tantas vezes em que meu pai me dizia - ‘Seja um homem’”.

Eu digo: “Isto não quererá dizer: Seja um adulto?”

Minha fala deflagra nele uma enxurrada de recordações de caráter muito íntimo sobre suas relações com as mulheres. Acha que sempre quis repetir situações vividas nas brincadeiras infantis. Lembra um conto de Cortazar sobre sedução erótica entre uma enfermeira e um menino doente. Está tomado pelas próprias palavras.

Sugiro então uma confusão ou mal-entendido entre duas relações diferentes: a relação masculino-feminino e a relação adulto-criança. Tentamos então uma construção dramática, uma interpretação compartilhada acerca de sua passagem de criança para adulto nos aspectos estacionados de sua evolução emocional.

Penso comigo que, colocados em termos de classes simbólicas o *Masculino* e o *Adulto* confundem-se ao serem generalizados para a classe mais ampla do *opressor*, que é também o *protetor* em contraposição (e portanto também em coincidência) à classe do *oprimido* e *protegido*.

Note-se que o deslocamento da classe dos homens para as mulheres (e vice-versa) implica numa idéia espacial do lugar dos homens para o lugar das mulheres, enquanto a passagem de criança para adulto (e vice-versa) implica num deslocamento no tempo. Para o inconsciente simétrico não há ordenação ou divisão mas apenas simultaneidade e indivisão, levando-nos para a classe mais abrangente da *comunidade humana*. Aí “*seja um homem*” representa estar ou não incluído nela. *Ser ou não ser*.

Num artigo recente chamado “The bi-logic perception of time”, Klaus Fink relata sua experiência com um analisando que denota uma apreensão paradoxal da passagem do tempo, com alternância de tempos que evoluem, tempos que regredem e tempos estacionados na eternidade simétrica.

No inter-jogo da simetria e assimetria, podemos intuir a essência matemática da simbolização.

Voltando a nossas sessões: tanto tempo e trabalho para chegamos a estas palavras tão gastas: “*Seja um homem*”. Uma frase que soaria tão absolutamente óbvia, banal e mesmo piegas numa conversa cotidiana ou no texto de um romance, novela ou filme, parece recuperar o seu sentido pleno para nós dois naquele momento.

Me pergunto se não estará aí a proximidade entre a criação psicanalítica e a criação artística. Devolver a um signo, a uma palavra gasta, todo um sentido estético, uma plenitude transformadora adequada e inerente ao momento vivido.

Retornar do lugar comum para o desconhecido.

Algumas leituras durante a redação desse texto:

ALAIN Miller, J. - S'truc dure.

BION, W.R. - Cogitations.

BRUNO, Cássia A.N.B. - Sobre a união do silêncio e da palavra. SBPSP.

COSTA, Newton da. - Psicanálise e lógica - entrevista a M.P. Souza Leite e O. Cesarotto.

ESPINOSA, Baruch de. - Carta sobre o infinito (1663).

FEDIDA, Pierre. - Nome, figura e memória.

FERENCZI, S. - Diário clínico.

FINK, Klaus. - The bi-logic perception of time. Int. I. Psycho - Anal (1993) 74,303.

FREUD, S. - O Ego e o Id (1923).

___ - A negação (1925).

___ - Construções em Análise (1937).

___ - A cisão do Ego na defesa (1938).

___ - Achados, idéias, problemas (1938).

GERBER, Ignacio. - Em busca de uma lógica inconsciente. SBPSP.

___ - De Freud a Bion pelos caminhos de Lao-Tse.

GROF, Stanislaw. - Além do cérebro.

KRISHNAMURTI, J. - Comentários sobre o viver.

MARRA, Evelise. - Situação analítica - transformações. SBPSP.

MATTE-BLANCO, I. - The unconscious as infinite sets.

___ - Thinking, feeling and being.

MEHLSON, Isaías. Notas críticas sobre o inconsciente.

PLATÃO. - Diálogos.

SIMON, Ryad. - Anseio e temor de ser psicanalista. SBPSP.

SMETAK, Walter. - O retorno do futuro.

SOUZA Leite, M.P. - A negação da falta.

SOUZA Mello, Jantzi B. - O regresso infinito. Aquiles e o sublime. SBPSP.

VERNE, J. - Fora dos eixos.

-x-x-x-x-x - Wen-tsu - understanding the misteries.

LANÇAMENTO

"A Palavra in-sensata: Poesia e Psicanálise" de Eliane Fonseca - ed. Escuta dia 26 de outubro de 1993, às 20 hs, na Livraria Pulsional - R. Dr. Homen de Mello, nº 351 - Perdizes - São Paulo.